



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9138 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

OS HOMENS DO LIVRO: LIVROS PROTESTANTES NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Ester F. Vilas-Boas C. do Nascimento - UNIT - Universidade Tiradentes

Jorge Carvalho Nascimento - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

OS HOMENS DO LIVRO: LIVROS PROTESTANTES NO BRASIL

DO SÉCULO XIX

RESUMO

Este texto trata da presença no Brasil de 14 ingleses integrantes da associação voluntária Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira/BFBS durante o século XIX com o objetivo de distribuir impressos. Foram transcritas e traduzidas 28 cartas manuscritas em inglês, identificando o ano de expedição e seus respectivos locais de atuação – Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Bahia. A leitura da documentação permitiu apreender que houve distintas fases no processo de atuação. A primeira, iniciada em 1818, ano em que foi localizado o primeiro documento. A partir de 1839, surgiram registros dando conta de doações à BFBS de impressos em língua portuguesa, tornado possível inferir que a atividade da distribuição de impressos havia se legitimado no Brasil. O recorte teórico-metodológico pautou-se no método indiciário utilizado por Carlo Ginzburg (1976) e, no conceito de associações voluntárias, elaborado por Tocqueville (2000), Weber (2002, 2004) e Bastian (1993). Os tipos de impressos distribuídos no Brasil no período delimitado foram Bíblias, Novos Testamentos, folhetos, catecismos e hinários. Os temas presentes nos outros impressos foram distribuição, vendas, educação, saúde e, questões políticas e religiosas. A investigação sobre aqueles impressos demonstrou que eles funcionaram como instrumentos de apropriação de um novo modelo cultural, oferecendo novas práticas de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Impressos Protestantes; Práticas de Leitura; Brasil; Inglaterra; Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

Na perspectiva da História Cultural, este texto insere-se na História da Educação e na História do Livro e integra uma pesquisa financiada pelo CNPq. Tal projeto tem viabilizado o levantamento de documentos referentes à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira/BFBS localizados no acervo da Cambridge University Library (UK). Para este artigo, foi selecionada a documentação referente ao período de 1818 a 1839. Iniciou-se em 1818, por ter ocorrido naquele ano a localização do primeiro documento da presença da BFBS no Brasil. A partir de 1839, surgiram registros dando conta de doações à BFBS de impressos em língua portuguesa, oferecidos por doadores diversos, tornado possível inferir que a atividade da distribuição de impressos havia se legitimado no Brasil. Algumas indagações nortearam esta investigação: O que eram as Sociedades Bíblicas e como se estruturavam? Em que locais do território brasileiro atuavam os indivíduos que faziam parte da Sociedade? De que maneira distribuíram os impressos no Brasil? O recorte teórico-metodológico pautou-se no método indiciário utilizado por Carlo Ginzburg (2007) e, também, no conceito de associações voluntárias, tal como proposto por Alexis de Tocqueville (2000), Max Weber (2002, 2004) e Bastian (1993). Foram transcritas e traduzidas 28 cartas manuscritas em inglês, identificando-se o ano de expedição e seus respectivos locais de atuação – Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Bahia. A leitura da documentação permitiu apreender que houve distintas fases no processo de atuação. Os tipos de impressos distribuídos no Brasil no período delimitado foram Bíblias, Novos Testamentos, folhetos, catecismos e hinários, sendo a Bíblia o mais procurado. Os temas presentes nos outros impressos foram distribuição e vendas, educação, saúde e questões políticas e religiosas. As sociedades bíblicas eram associações voluntárias, funcionando desde o início do século XIX como instrumentos de intervenção internacional na área religiosa (Weber, 2004). Eram organizações administrativas pertencentes a comunidades protestantes com o objetivo de manter a propaganda evangélica no seu país e no estrangeiro. As sociedades voluntárias, ou sociedade de ideias, – maçônicas, patrióticas, literárias, religiosas etc – foram formas modernas de sociabilidade que ofereceram “novos modelos associativos em meio de uma sociedade globalmente organizada em torno de uma estrutura corporativa hierárquica (ordens) e composta na essência por atores sociais coletivos”. Como contraponto da sociedade tradicional, do Antigo Regime, aquelas organizações foram “portadoras da modernidade, no sentido de que estruturavam novas formas de organização do social, não centradas sobre os antigos grupos, mas no indivíduo como ator político e social”. Eram caracterizadas pelo fato de que “cada um de seus membros terem somente uma relação com as ideias, com os fins”. Aquelas novas associações funcionaram como laboratórios democráticos nos quais seus membros se educavam pela prática política moderna enquanto indivíduo-cidadão que exercia sua soberania como parte do grupo de eleitores (BASTIAN, 1993, p. 8). A estratégia de distribuir impressos antecedeu à

organização de igrejas e escolas, com a finalidade de implantar definitivamente o Protestantismo no Brasil. Como essa estratégia teve sucesso num país que, na época, possuía uma população analfabeta em sua maioria? O que poderia ser visto como um problema era o diferencial. Quando o colportor chegava num determinado local que as pessoas não sabiam ler, ele propunha a organização de um grupo e se comprometia em enviar um professor para ensiná-los, que era um missionário. Dessa maneira, eles mapearam no Brasil o território de instalação de suas futuras igrejas e escolas. Os resultados demonstram que a intervenção de instituições protestantes na circulação e difusão de impressos possibilitou a definitiva inserção do Protestantismo no país. O trabalho inicial de propaganda religiosa, implementado por representantes da BFBS, demonstrou que eles organizaram uma verdadeira rede de publicação, venda e distribuição em massa de impressos protestantes. A investigação sobre aqueles impressos que circularam a partir do início do século XIX demonstra que eles funcionaram como instrumentos de apropriação de um novo modelo cultural, com novas práticas de leitura. A divulgação de impressos religiosos chegou ao Brasil durante o Oitocentos através do trabalho de propaganda desencadeado pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira/BFBS e pela Sociedade Bíblica Americana/ABS. A primeira foi fundada em 1804, e a segunda, em 1816. Eram instituições mundiais que tinham como finalidade a divulgação integral ou parcial da Bíblia na língua vernácula de cada povo. Antes mesmo de estabelecerem agências no Brasil, iniciaram um trabalho de divulgação e propagação das ideias protestantes no país, durante as primeiras décadas do século XIX, enviando seus agentes, expedindo Bíblias e Novos Testamentos através da embaixada inglesa, por portadores diretos, por comerciantes, pelos comandantes de navios que zarpavam dos Estados Unidos. Essas instituições prescreviam o percurso de comunicação dos seus impressos, definindo os temas, os autores, os agentes, e os colportores. O agente tinha nível superior e era o representante institucional no país que estivesse trabalhando. Já o colportor, no Brasil, se caracterizou como o expedidor e vendedor ambulante de impressos protestantes. Este, geralmente, tinha formação escolar primária. Sua missão era criar polêmica com as autoridades eclesiásticas locais através da imprensa e observar a cidade mais propícia para as futuras instalações de igrejas e escolas protestantes. E, mesmo que não tivesse muita familiaridade com o material que fosse vender, era orientado a demonstrar o seu conteúdo com muito entusiasmo na apresentação. A documentação analisada aqui demonstrou que a BFBS iniciou seus trabalhos no ano de 1818, no Rio de Janeiro. Durante a década seguinte, três agentes instalaram-se em Pernambuco e no Maranhão. A carta escrita por G. A. Carruthers, no dia 24 de novembro de 1821, demonstrou que, apesar dele estar trabalhando em Pernambuco, já circulava na Paraíba. A missiva de Edward Rivers Fletcher, enviada de Pernambuco, no dia 11 de maio de 1822, para James Miller - Secretário da BFBS, relatou que o povo estava ansioso para conhecer a nova religião através dos impressos distribuídos pelos membros da BFBS. Registrou também que as Bíblias

vinham de Londres e que o governo brasileiro autorizara a passagem delas pela alfândega, sem cobrança do imposto, sendo possível distribuir gratuitamente para as pessoas interessadas. Mas, em alguns casos foram vendidas por 12.000 réis por Bíblia, equivalendo a 3.7 libras. James Thornton, agente no Rio de Janeiro, registrou que os folhetos, antes de serem colocados para circulação, deveriam receber um acréscimo no preço de 10% para a sua valorização, mostrando a confiança de que esse material religioso daria certo. Sua carta, registrada no dia 28 de março de 1839, apontava o financiamento de impressos por protestantes portugueses. As fontes possibilitam afirmar que, além da venda de Bíblias e de Novos Testamentos, dependendo do nível social de determinada região, muitos exemplares eram oferecidos com desconto ou gratuitamente. Portanto, o foco principal era a difusão das Escrituras Sagradas para obtenção de mais adeptos ao Protestantismo, mesmo que para isso, a BFBS não obtivesse lucro em alguns locais. Na correspondência de 27 de maio de 1839, Edward George Parker, Capelão britânico na Bahia, relatava a John Jackson, Secretário Assistente da BFBS, sua preocupação com o desvio do recebimento dos impressos, dando pista sobre alguns dos problemas que eles enfrentavam. Quando os agentes chegaram ao Brasil com a tarefa específica de divulgar o Protestantismo, encontraram um país que possuía grupos favoráveis à sua implantação, como foi o caso dos maçons e republicanos, mesmo considerando as constantes perseguições da Igreja Católica, que viam o Protestantismo como uma ameaça. A análise da documentação tem sido decisiva na decifração das representações, das discussões, soluções de problemas e dos avanços e recuos das ações de agentes britânicos, colportores presentes no Brasil. A difusão dos impressos se deu a partir do momento em que os agentes foram enviados pela BFBS com destino ao Brasil. Os impressos protestantes eram recebidos nos portos pelos fiscais da alfândega. O agente que estivesse atuando na Província retirava a mercadoria e, algumas vezes, como forma de pagamento dos impostos entregava parte dos impressos para os fiscais, em troca da liberação de todo o material. Com o material em mãos, eles partiam pela cidade a pregar e distribuí-lo em casas, hospitais, igrejas e outros lugares onde fossem recebidos. Os folhetos, por exemplo, eram oferecidos nas casas, nos mercados, nas estações de trem, nas esquinas de ruas movimentadas, em hospitais, em igrejas, em escolas, em bibliotecas e nas áreas rurais (Verwer, 1963, p. 46). Nos locais onde não podiam ir, cabia ao colportor, vendedor nativo, partir para as regiões mais distantes do hinterland brasileiro, sempre demonstrando entusiasmo pela venda dos impressos. A partir da década de 40 do século XIX, a BFBS ampliou seu território de ação para as Províncias do Norte do país. Bahia, Pará e Alagoas receberam os agentes Richard Henry Winslow, James Henderson, James Burnett, Benjamin F. Tuckniss, James Hogg e G. Caley. Todo o movimento desses ingleses tem sido sistemática e regularmente rastreado durante o período em que ficaram vinculados à instituição. Nas cartas, eles relataram suas atividades e impressões sobre o Brasil. Alguns deles não resistiram e voltaram à pátria, ou morreram vitimados por moléstias. Ao tomar o discurso

religioso dos agentes britânicos como uma fonte para pensar a produção e as próprias representações acerca da religião e da educação escolar no Brasil no período delimitado, tem sido necessário percorrer e considerar esse conjunto de observações sobre os discursos e sobre a escrita. Tais fontes como a correspondência produzida por membros de um grupo religioso resultam de uma compreensão ampliada da noção de documento proposta pela História Cultural. Durante a trajetória histórica do Protestantismo, em todo o mundo, a palavra impressa acompanhou as suas práticas, tanto na forma de livro, livreto e folheto, como também na condição de jornal, revista e outros impressos. E no Brasil, não foi diferente. A estratégia de distribuir impressos religiosos num país que tinha um alto índice de analfabetismo funcionou como um estímulo para a massa analfabeta que viu a possibilidade de ter acesso a uma literatura de leitura fácil. Além da Bíblia, que geralmente era restrita aos clérigos católicos, e escrita, muitas vezes, em latim, todas as publicações circulavam em língua portuguesa. As estratégias de propaganda adotadas por protestantes num país católico facilitaram a instalação de suas igrejas e escolas, corroborando na sua definitiva inserção no Brasil. Nos locais em que os colportores distribuía os impressos e as pessoas que se interessavam não sabiam ler, esta informação era enviada ao seu agente, que buscava junto às missões os meios de instalação de escolas para ofertar o ensino da leitura e da escrita. O livro de leitura adotado em suas escolas era a Bíblia e, conseqüentemente, parte daqueles alunos, tanto crianças como adultos, poderiam tornar-se fiéis daquelas igrejas protestantes.

REFERÊNCIAS

- BASTIAN, Jean-Pierre (Comp.). **Protestantes, liberais y francmasones. Sociedades de ideas y modernidad en América Latina, siglo XIX.** México: Fondo de Cultura Económica/CEHILA, 1993.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e o rastro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América.** Sentimentos e opiniões. V. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VERWER, George. **Literature evangelism: a manual.** Chicago: The Moody Bible Institute, 1963.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia.** 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.